

CENTRO UNIVERSITÁRIO DA FUNDAÇÃO ASSIS GURGACZ
ANDRÉ LUIZ DE ANDRADE ALMEIDA

**FALA E PODER: AS RELAÇÕES SOCIAIS PERANTE AS VARIAÇÕES
LINGUÍSTICAS REPRESENTADAS NOS PERSONAGENS DA NOVELA
PANTANAL**

CASCADEL - PR
2023

CENTRO UNIVERSITÁRIO DA FUNDAÇÃO ASSIS GURGACZ
ANDRÉ LUIZ DE ANDRADE ALMEIDA

**FALA E PODER: AS RELAÇÕES SOCIAIS PERANTE AS VARIAÇÕES
LINGUÍSTICAS REPRESENTADAS NOS PERSONAGENS DA NOVELA
PANTANAL**

Trabalho apresentado como requisito parcial para conclusão da disciplina TCC 2 - Artigo -, do curso de Jornalismo do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz.

Prof. Orientador: Ralph Willians de Camargo.

CASCADEL – PR
2023

FALA E PODER: AS RELAÇÕES SOCIAIS PERANTE AS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS REPRESENTADAS NOS PERSONAGENS DA NOVELA PANTANAL

André Luiz de Andrade Almeida¹
Ralph Willians de Camargo²

RESUMO:

O presente trabalho de conclusão de curso tem a intenção, por meio da sociolinguística e da análise de conteúdo, de falar das relações de poder existentes que estão relacionados com o uso da língua, a fala em nossas mais diferentes situações comunicacionais. Para isso, apresentamos as variações linguísticas presentes nos personagens da novela Pantanal, trazendo exemplos e problemáticas linguísticas recorrentes na trama, bem como uma base teórica fundamentada nos principais linguistas desse campo de estudo. Também abordamos as características da novela, a história e o realismo fantástico presente, e como a mídia, no caso a novela televisiva, pode contribuir para propagar ou reforçar o assunto que está sendo transmitido. Assim, esta análise contribui para uma compreensão mais aprofundada de como as variações linguísticas encontradas na novela podem influenciar as atitudes e percepções sociais, e busca gerar a reflexão de como a fala é um reflexo e um meio de reprodução das estruturas de poder na sociedade que pode estar relacionada às desigualdades e formas de preconceito social.

PALAVRAS – CHAVE: Pantanal. Novela. Variação Linguística. Poder.

1 INTRODUÇÃO

A linguagem, segundo o dicionário, significa “qualquer meio sistemático de comunicar ideias ou sentimentos através de signos convencionais, sonoros, gráficos, gestuais, entre outros.” Sendo ela esse meio de comunicação tão poderoso e significativo para organizar, sistematizar e tornar possível o diálogo e a interação entre as pessoas, como podemos conceber a percepção de poder que existe na comunicação?

Para estabelecer essa provável influência de poder que constitui o uso da linguagem, existem diversas maneiras e formas de estudos na linguística, desde a Análise do Discurso, estruturada principalmente na chamada linha francesa com Pêcheux, que surge a partir de três contribuições: Marxismo, Psicanálise e Linguística,

¹ Acadêmico do 8º Período do Curso de Jornalismo do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz. E-mail: alaalmeida@minha.fag.edu.br

² Coordenador e Professor do Curso de Jornalismo do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz. E-mail: jornalismo@fag.edu.br

levando em consideração elementos exteriores ao texto, com ênfase ao contexto de produção, para se chegar a uma interpretação mais eficaz e completa; Análise Crítica do Discurso, com o estudioso Norman Fairclough; até a Análise Dialógica do Discurso, com Mikhail Bakhtin.

Buscando trazer um olhar diferente sobre a análise de poder por trás da linguagem, o presente artigo pretende abordar como a sociolinguística, por meio das diferentes formas de variações linguísticas, e a mídia, através da telenovela *Pantanal*, contribuem e reforçam as relações de poder existentes, devido à forma de se comunicar dos falantes em nossa sociedade.

Com os avanços conquistados pelos estudos sociolinguísticos, a ilusão de que exista um falar correto ou uma variante ideal, o projeto tem como tema analisar a fala de alguns personagens do *remake* da novela *Pantanal*, da TV Globo, que apresentam certos tipos de variações linguísticas, com o intuito de verificar as ocorrências variacionistas no sotaque rural e peão, que têm grande presença no dialeto da trama, e mostrar como isso reforça um estigma social e midiático, que torna quem assim se comunica inferior a quem fala a norma culta ou coloquial, evidenciando o reflexo disso na construção identitária das pessoas.

Levando em consideração a importância do tema, o artigo se faz necessário para buscar o entendimento sobre a língua falada e a gramática tradicional/norma culta, por meio de uma representação cultural e midiática muito popular que é a telenovela. Assim, explicaremos as variações linguísticas que, na maioria das vezes, não são casuais, mas sim fenômenos fortemente condicionados por fatores sociais, estilísticos e avaliativos. E, também, lançaremos este objeto de estudo como mais uma forma de desmistificar a padronização da linguagem como certo ou errado, mesmo tendo em vista que na escrita exista um sistema rígido, organizado por um conjunto de regras comum a todos os falantes de uma mesma comunidade linguística para evitar o caos na comunicação.

Portanto, se torna relevante a análise sociolinguística e o preconceito linguístico em relação ao modo de falar desses personagens rurais, como identidade cultural. Assim, saberemos como a mídia contribui no reforço e/ou desconstrução de padrões de comportamento e julgamento social. Para isso, pretendemos responder à seguinte questão: como a variação linguística é um fator preponderante para o preconceito/estigma social e as relações de poder em nossa sociedade?

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.

Antes de adentrar às questões linguísticas, é necessário apresentar uma breve contextualização sociológica de nossa sociedade para conseguirmos entender um pouco melhor o nosso funcionamento social e como isto implica no modo de tratamento da linguagem.

Os seres humanos, constituídos com o entendimento de serem civilizados e enquadrados dentro de um coletivo social, carregam suas peculiaridades individuais, pautadas, por vezes, em seus próprios interesses. Na sociedade como um todo é cada vez mais perceptível, segundo diversos estudiosos, a busca pelo poder. O que nos leva, seguidamente, a uma análise das estruturas sociais e políticas nas quais estamos inseridos, onde as relações de poder estruturam o funcionamento de nossas esferas sociais, moldando nossos pensamentos e ações perante as instituições e dinâmicas sociais do dia a dia.

Baseado nos ideais propostos pelo filósofo Michel Foucault, um dos expoentes para o entendimento das relações de poder, entende-se que o poder não é apenas exercido de cima para baixo por uma autoridade central, mas também disseminado e internalizado através de práticas discursivas e de instituições sociais. Portanto, ressalta essa interferência indireta por meio de ferramentas regulatórias e disciplinares.

"Trata-se dos procedimentos disciplinares que são praticados em instituições como hospitais, escolas, fábricas e prisões, garantindo uma vigilância e normatização da sociedade autorizada e legitimada pelo saber. Não são estabelecidos por meio de leis, mas pela concordância dos sujeitos para com os discursos de 'verdade'." (FOUCAULT, 1972, p. 84)

Com ênfase no termo verdade, o que realmente seria "verdade" sobre o uso considerado correto na fala, em nossas interações comunicacionais? O falar padrão/coloquial, seguindo a gramática normativa, ou a forma como funciona a língua em uso, o modo como falamos em nossas mais variadas realidades cotidianas? De que maneira isto implica nas relações de poder que nos cercam?

Segundo Pierre Bourdieu, a linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas também um instrumento de dominação e legitimação. Desta maneira, sendo a linguagem o nosso meio de comunicação, a fala e o modo como

falamos também está estritamente ligado a este jogo de poder, onde a dominação deste recurso pode ser peça fundamental para atender os anseios de uma classe dominante que tem como intuito estabelecer a sua visão para perpetuar uma nova realidade ou mesmo estabilizar e não deixar se promover mudanças que fujam de seus interesses.

Envolto aos estudos das ciências sociais e humanas estruturados em variados filósofos, sociólogos e linguistas, é possível reconhecer os artifícios utilizados pela sociedade dominante para mediar os conceitos definidos como corretos e padrões. No caso em questão a busca pela padronização da fala baseada nas normas da gramática tradicional ou culta.

2.1 A NOVELA PANTANAL

Um dos gêneros mais populares da televisão, a telenovela surgiu no Brasil em meados dos anos 50. Ao longo de décadas, esse formato de dramaturgia passou por diversas mudanças e evoluções, se reinventando para se adaptar às mudanças sociais, à revolução tecnológica e às necessidades do público.

Se em sua origem as telenovelas retratavam histórias melodramáticas e românticas, recentemente passaram a buscar e retratar histórias mais realistas e socialmente relevantes, que apresentem temas atuais e que reflitam as questões sociais e políticas do momento. Temas como racismo, homofobia, desigualdade social, corrupção, problemas mentais, perigos da internet, violência doméstica e outros, têm sido abordados com mais frequência nas tramas, buscando gerar debates e reflexões na sociedade.

Sempre em constante reinvenção, as telenovelas têm buscado, cada vez mais, utilizar as diferentes narrativas e formatos. Como a obra em questão, Pantanal apresenta uma linguagem mais enrolada, com cenas mais longas, tendo grande parte de suas gravações fora dos estúdios, mostrando a realidade, no caso a natureza pantaneira, diferente de outras obras que sempre retrataram um mesmo padrão estilístico. Pantanal traz, ainda, a variação linguística em alguns de seus personagens como uma de suas atrações centrais.

Escrita por Benedito Ruy Barbosa, em 1990, e exibida originalmente pela extinta Rede Manchete, a novela foi um sucesso de audiência na época, chegando a atingir 40 pontos de Ibope durante sua transmissão. Com várias reprises em diferentes

emissoras, o folhetim rural fez tanto sucesso que a TV Globo, em 2022, decidiu fazer um *remake*, com adaptação de Bruno Luperi, neto de Benedito.

Enredo: Joventino, considerado o maior peão do Pantanal, desaparece repentinamente sem deixar pistas, deixando, para trás, seu filho, José Leôncio. Passado alguns anos, José Leôncio viaja para o Rio de Janeiro com o intuito de fazer alguns negócios comerciais para a sua fazenda, e uma noite, antes de voltar para casa, acaba conhecendo Madeleine, uma carioca de família tradicional. Após uma rápida relação, eles se casam e vão para o Pantanal. Juntos, eles têm um filho, em homenagem ao avô paterno, chamado Jove. Madeleine não se adapta à vida de esposa de peão e, com saudades da família e sua vida no Rio de Janeiro, decide fugir com Jove, ainda bebe, de volta para a casa de sua família. O menino cresce longe do pai, acreditando que ele havia morrido. Duas décadas depois, Jove descobre que seu pai ainda está vivo e decide ir atrás dele. Durante o reencontro, José Leôncio e Jove são expostos a grandes diferenças comportamentais e culturais. Neste mesmo período, Jove conhece Juma Marruá, uma menina selvagem e arreada, eles se apaixonam à primeira vista. Por conviver com os conflitos de terra que acabou por resultar na morte de toda a sua família, Juma aprendeu com sua mãe, Maria Marruá, a se defender do "bicho homem". (WIKIPÉDIA, 2022)

Além da história e dos protagonistas centrais, a trama traz, ainda, mais personagens fundamentais para a construção da telenovela, carregando marcas culturais, linguísticas, comportamentais e caricatas que chamam atenção do público, como é o caso dos personagens Velho do Rio, Filó, Tadeu, Alcides, Tenório, Maria Bruaca, Muda, Tibério, Trindade e Eugênio.

Um das características principais de Pantanal, e que desperta o interesse o telespectador e o faz criar vínculos com a trama, é a presença do chamado “fantástico”, um modo para justificar as particularidades de alguns personagens, como o caso de Juma Marruá, que vira onça quando está com raiva, ou do Velho do Rio, que vira sucuri para proteger a natureza.

“Uma vez colocado deste ponto de vista funcional, pode-se chegar a três respostas. Primeiramente o fantástico produz um efeito particular sobre o leitor — medo, ou horror, ou simplesmente curiosidade —, que os outros gêneros ou formas literárias não podem provocar. Em segundo lugar, o fantástico serve à narração, mantém o suspense: a presença de elementos fantásticos permite à intriga uma organização particularmente fechada. Finalmente, o fantástico tem uma função à primeira vista tautológica: permite descrever um universo fantástico, e este universo nem por isto tem qualquer realidade fora da linguagem; a descrição e o descrito não são de natureza diferente”. (TODOROV, 2007, p. 100-101)

Em suma, a telenovela retrata particularidades que estão presentes, direta ou indiretamente, na vida da maioria dos brasileiros. Assim, o público se enxerga na obra

e faz suas reflexões e análises comparando o que é representado consigo mesmo, em seus valores e crenças.

“A narrativa não funciona somente como intermediário entre nós e o mundo. Ela é também mediadora entre nós e nós mesmos, entre aquilo que em nós é consciência, razão, controle, e aquilo que é sentimento, inconsciente, impulso. A narrativa nos aproxima daquilo que não sabemos”. (COLASANTI, 2004, p. 213)

2.2 NOVELAS, REPRESENTAÇÕES E MEDIAÇÕES CULTURAIS

A sociedade é constituída por um conjunto de regras sociais e costumes culturais que formam a identidade de um povo. Tudo isso ocorre devido à influência dos mais diferentes meios de interação humana, seja no âmbito político, econômico, geográfico, religioso, familiar ou comunicacional. A mídia, com a sua forte influência e poder de persuasão na construção identitária de um povo, através dos meios de comunicação de massa, como a televisão, rádio, internet, redes sociais e outros, tem um papel fundamental na formulação e difusão de mensagens, valores e estilos de vida, que são de interesses de determinados grupos.

“Para J. B. Thompson (1995) há cinco características presentes nas formas simbólicas. Elas são intencionais, ou seja, produzidas propositalmente com um fim; convencionais que abrangem regras ou códigos; estruturais, com elementos estruturados que interagem entre si; referenciais, porque constroem a partir de algo que já conhecem; contextuais, pois todas as formas simbólicas estão inseridas num contexto sócio-histórico”. (VIANA E SAID, 2012, p. 5)

Por meio da mídia, vemos diferentes formas de representação cultural, que transmitidas à população podem influenciar suas visões de mundo e a maneira como as pessoas se enxergam e compreendem o mundo. Desta forma, a mídia contribui para a formação do sentimento de pertencimento e de identidade cultural, mas, também, pode reforçar estereótipos e preconceitos. O estudioso Jesus Martín Barbero, afirma:

“Embora massificada, a imprensa sempre refletiu diferenças culturais e políticas, e isto não somente graças à necessidade de ‘distinção’, mas também por corresponder ao modelo liberal em sua busca de expressão para a pluralidade que compõe a sociedade civil”. (1997, p. 250)

Focando na televisão, que é o meio de comunicação no qual a novela Pantanal foi transmitida e é o objeto deste artigo, percebe-se que ela pode ser

considerada o maior meio de disseminação e promoção de determinadas culturas e na construção de valores identitários. Por ter sinal gratuito e alcance em boa parte do território nacional, a televisão aberta, especialmente no Brasil, mostra seu poder de ditar regras, tendências e modos de constituir as mensagens passadas, seguindo padrões que representam, ou buscam representar, a maior totalidade de público possível.

“A televisão desenvolverá ao máximo a tendência à absorção das diferenças. E falo de absorção porque é esta sua forma de negá-las: exibindo-as livres de tudo aquilo que as impregna de conflitividade. Nenhum outro meio de comunicação tinha permitido o acesso a tanta variedade de experiências humanas, de países, de povos, de situações. Mas também nenhum outro jamais as controlou de tal modo que, em vez de implodir o etnocentrismo, terminasse por reforçá-lo”. (BARBERO, 1997, p. 250)

A novela, como produto popular de grande penetração social, evidencia características ficcionais que remetem à realidade, por meio de representações dramáticas que despertam o interesse das pessoas de forma sutil com uma linguagem de fácil acesso, buscando intimidade com o telespectador, podendo, desta maneira, gerar a compreensão e reflexão das mensagens ali transmitidas. Se outros produtos televisivos, como jornais e programas passam mensagens de uma maneira menos interessante, com uma linguagem mais técnica, as telenovelas têm a seu favor a proximidade com o público, pois, na maioria das vezes, o que e a forma como isso é passado nas histórias, é próximo a realidade de quem assiste e, assim, fica mais perceptível o entendimento das ideias.

“A identificação se dá através das características, tanto afetivas quanto físicas, presentes nas personagens que o público leva a sua própria vida. A projeção ocorre mediante aquelas ações menos possíveis de serem realizadas socialmente. Ao se projetarem os indivíduos aliviam as suas tensões diante de uma história narrada pela indústria cultural”. (MORIN, 1981, p. 78)

Ainda, é possível notar os passos seguidos pelos autores no processo de desenvolvimento de uma novela pela influência/resposta do público para melhor transmitir a ideia a ser passada e como isso reflete no próprio indivíduo.

“A telenovela, em suas relações com a sociedade, participa da construção dos valores e crenças de duas formas. A primeira delas é a da mudança social. A novela apresenta valores novos, diferentes daqueles já estabelecidos e firmados pelo tempo histórico. Desafia os hábitos cotidianos, os preconceitos e as opiniões formadas pelo público. A segunda forma pela

qual a telenovela opera na sociedade é a da reprodução social. Nesta perspectiva a telenovela é vista principalmente em sua especificidade técnica e pela sua forma: a narrativa. Em outras palavras, pelas possibilidades de comunicação emocional com a audiência, proporcionadas pelo uso da imagem, do som, da música e do contato diário de longo prazo com o público. Há o reconhecimento de um certo poder manipulador, visto como reproduzidor de um equilíbrio social desigual e hegemônico, favorecendo determinados grupos no poder e a continuidade do status quo". (JUNQUEIRA, 2003, p. 3)

No Brasil, bem como no restante da América Latina, as telenovelas têm forte presença no cotidiano das pessoas, formando uma identidade cultural muito característica dos latino-americanos, pois apresentam nas tramas assuntos com os quais os telespectadores se identificam, temáticas sociais que na maioria das vezes estão presentes na realidade das famílias, segundo afirma Jesús Martín Barbero (1997). Também é notável a identificação do público com os personagens.

"O processo de identificação ocorre quando o espectador assume o ponto de vista da pessoa ou da personagem, tomando-o para si como um reflexo de sua situação de vida. Já a projeção acontece quando o espectador projeta seus sentimentos sobre o sujeito ou personagem televisivo, amando aqueles que o outro ama, odiando da mesma forma que o outro odeia e assim por diante. Esses processos de identificação e de transferência referem-se a níveis muitas vezes inconscientes do espectador. Anteriormente, as projeções davam-se com deuses e heróis, com seus poderes sobre-humanos. Hoje, os heróis pertencem à indústria cultural, são as estrelas do cinema e das novelas, os ídolos do esporte e da música. Podemos projetar no ídolo da televisão não só nossos desejos, mas também, sobretudo, nossos medos, tristezas, incertezas e, principalmente, aquilo que não temos coragem de viver, ou não temos condições de fazer". (ORMEZZANO, 2005, p. 3)

2.3 VARIAÇÕES LINGÜÍSTICAS

A base Teórica da Sociolinguística, em contexto geral, se baseia no contraponto aos estudos propostos do linguista suíço Ferdinand de Saussure e do linguista americano Noam Chomsky.

Os estudos científicos na área da linguística tiveram início com o estudioso Ferdinand de Saussure, no início do século XX. O curso de linguística geral foi o marco inicial, no qual Saussure apresentou a linguística moderna, definindo o desenvolvimento da linguística estruturalista, e no entendimento da linguagem, como um sistema de signos, e delimitando seu objeto de estudo estritamente ao sistema linguístico, estabelecendo seus princípios gerais e sua metodologia de abordagem.

Saussure é pioneiro da corrente linguística denominada estruturalismo, segundo a qual a língua é tomada em si mesma, separada de fatores externos, e vista como uma estrutura autônoma. Desta forma, segundo Saussure, o objetivo da linguística é analisar somente a língua, em si, mesma sem qualquer tipo de influência de uso e condições sociais. (COELHO *et al.*, 2010)

“O Americano Noam Chomsky, na década de 1960, apresenta a corrente linguística denominada gerativismo, segundo a qual a língua é concebida como um sistema de princípios universais, é vista como o conhecimento mental que um falante tem de sua língua a partir do estado inicial da faculdade da linguagem, ou seja, a competência. O que interessa ao gerativista é o sistema abstrato de regras de formação de sentenças gramaticais. Portanto, é inato ao ser humano. Assim, tanto a abordagem estruturalista como a gerativista consideram a língua como uma realidade abstrata, desvinculada de fatores históricos e sociais”. (COELHO *et al.*, 2010, p. 14)

Fazendo oposição ao estruturalismo e ao gerativismo, a sociolinguística surge nos Estados Unidos na década de 1960, com William Labov sendo o precursor desses novos estudos. Partindo dos aspectos da sociolinguística, tendo em vista que na metade do século passado os estudos eram direcionados para a relação entre a língua e o social, e na possível heterogeneidade linguística, surgem novas questões contrapondo o sistema linguístico estruturalista. (COELHO *et al.*, 2010)

“Se uma língua tem que ser estruturada para funcionar eficientemente, como as pessoas continuam falando enquanto a língua muda, isto é, enquanto passa por períodos de reduzida sistematicidade? Alternativamente, se pressões determinantes forçam a língua a mudar, e se a comunicação é menos eficiente na interação (como poderia dedutivamente seguir pela teoria), porque tais deficiências não podem ser observadas na prática?” (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968, p.100-101)

Para buscar respostas a essas problemáticas, surgiu a sociolinguística, que busca investigar a relação entre língua e sociedade, e estabelecer um melhor entendimento para a estrutura da língua e o seu funcionamento na comunicação. Portanto, o desenvolvimento da sociolinguística se dá através dos estudos da relação entre sistema, estrutura e heterogeneidade, possibilitando, desta forma, afirmar que as restrições linguísticas e sociais estabelecem a heterogeneidade na fala e possibilitam sua sistematização. (COELHO *et al.*, 2010)

Dessa maneira, a sociolinguística tem como objetivo explicar as mudanças linguísticas e sua relação com fatores sociais, como diferenças nas formas de falar, dependendo de quem fala, da situação ou nível de formalidade. A sociolinguística

variacionista utiliza a língua como objeto de estudo, tendo em vista que ela se apresenta como “um objeto histórico e cultural que se constitui a partir da interação social entre os membros de uma determinada coletividade” (LUCCHESI, 1998, p. 210), permitindo, dessa forma, demonstrar “que a mudança não é apenas uma função do sistema linguístico, mas uma função da interação da estruturação interna da língua com o processo social em que ela se realiza” (LUCCHESI, 1998, p. 200).

Além da sociolinguística os conceitos de preconceito linguístico, do linguista Marcos Bagno, fundamentam essa tese. O autor define que “todo juízo de valor negativo de reprovação, de repulsa ou mesmo de desrespeito às variedades linguísticas de menor prestígio social”, pois, na maioria das vezes, esse prejulgamento dirige-se às variantes mais informais e ligadas às pessoas que têm menor acesso a uma educação mais qualificada e formal. Em entrevista para a União Nacional dos Estudantes (UNE), Bagno diz:

“Como todo preconceito, o linguístico é a manifestação, de fato, de um preconceito social, porque o que está em jogo não é a língua que a pessoa fala, mas a própria pessoa como ser social”. “Rejeitar a língua é rejeitar a própria pessoa e a comunidade de que ela faz parte.” (2015)

O preconceito linguístico deriva, portanto, do falar diferente do padrão imposto por uma elite econômica e intelectual, que define a fala entre certo ou errado. Ainda, segundo Bagno, o preconceito também está relacionado com outros presentes na sociedade, como: preconceito regional, socioeconômico, cultural e outros.

3 ANÁLISE DO OBJETO

3.1 ANÁLISE DE CONTEÚDO: CORPUS

Sendo uma técnica de pesquisa, escolhemos a análise de conteúdo com o objetivo de analisar e descrever os dados selecionados, o corpus. “O corpus é o conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos” (BARDIN, 1977, p. 96).

Como objeto de estudos dessas variações linguísticas, selecionamos alguns exemplos variacionistas encontrados na novela *Pantanal*, a fim de exemplificar e contextualizar o que está sendo trabalhado neste artigo.

Quadro 1 - Corpus de pesquisa: capítulos 18 a 24, Novela Pantanal

Personagem	Fala	Contexto
Capítulo 18		
Tadeu	“O padrinho só qué sabe du fio dele agora”	Parte do diálogo em que o personagem fala com José Leôncio, seu padrinho.
Filó	“Ocê que tá só”	Frase dita a José Leôncio quando ela o encontra sozinho na sala.
Alcides	“tava olhando pra o que a Senhora ia esfregando na minha cara”	Conversa entre o personagem e Guta, filha de seu patrão, na beira do rio.
Guta	“Alcides, eu te quero”	Complemento ao diálogo anterior.
Alcides	“Você mi qué?”	Nesse diálogo ocorre uma mudança na forma de tratamento devido a uma possível intimidade gerada durante essa aproximação.
Levi	“O patrão deu ordem de caprichar” - “O senhor qué experimentar a sela padrão?”	Diálogo do personagem, que é empregado de José Leôncio, com seu patrão.
Tibério	“deixa o home se feliz, Filó”	Diálogo entre o personagem e Filó, sobre José Leôncio.
Filó	“i ocê Tibério tá tomando liberdade rápido demais”	Diálogo complementar à fala anterior.
Jove	“O senhor é o José Leôncio?”	Diálogo em que o personagem se dirige a seu pai, José Leôncio, em seu primeiro encontro.
José Leôncio	“Ocê num ispero sozinho fio”	Diálogo entre o personagem e Jove durante o primeiro encontro deles desde o nascimento de Jove, quando foram separados.
Tadeu	“Cê num bebi, num comi carni, o que cê veio faze aqui?”	Diálogo do personagem com Jove durante o almoço de recepção na fazenda.
Capítulo 19		
Alcides	“Se conhece-se tu não aprontava uma desfeita dessas”	Diálogo do personagem dirigido a Jove durante uma discussão.
Jove	“tu quer brigar?”	Complemento ao diálogo anterior.
Guta	“era isso que você queria?”	Diálogo dirigido a Alcides após a briga.
Guta	“você é diferente, você não é assim!”	Diálogo da personagem com Jove, após ele não querer brigar com Alcides.
Filó	“imagina, seu pai entrando aqui ocê tá lavando louça”	Diálogo mais íntimo da personagem com Jove enquanto ele almoça.
Filó	“você precisa vir comigo aqui, vem”	Diálogo da personagem com Jove após o almoço, conversa em um tom um pouco mais sério e formal.
Mariana	“se você se queixasse menos”	Diálogo da personagem com sua filha, Madeleine.
Tibério	“é bom ocêis não ficá falando essas coisa”	Fala do personagem para os peões da fazenda, que estão fazendo fofoca.
Tibério	“o patrãozin pode aprender...”	Diálogo dirigido a Jove durante uma conversa com ele e Tadeu.
Jove	“ô, não me chama de patrãozinho não”	Fala complementar à anterior.
Tadeu	“ocê não é filho do patrão?”	Fala complementar à anterior.
Jove	“o senhor deve ter mais o que fazer!”	Diálogo dirigido a José Leôncio, maneira como o personagem se dirige a seu pai.
Juma	“o senhor sumiu”; “eu gosto de ouvi ocê falá”	Trechos da fala da personagem com o seu protetor, o velho do Rio.

Tenório	“você, dona Guta, seria bom se você começasse a se dar o devido respeito”	Diálogo do personagem com sua filha, Guta, referente ao modo dela com os homens.
Juma	“o veio é o pai de todas as sucuri”	Diálogo da personagem se dirigindo de forma carinhosa, à sua maneira, ao Velho do Rio.
Velho do Rio	“eu vi Maria Marruá virá onça. Eu, ocê e vosso pai”	Complemento do diálogo anterior.
Guta	“o que o senhor falou pai?”; “como que a senhora casou com esse sujeito”	Frases ditas pela personagem durante uma discussão com seus pais.
Capítulo 20		
Tibério	“ocê iscuta o que?”; “O patranzin qué ouvi o que?”	Trecho do diálogo em uma roda de viola entre Tibério e Juventino
Juma	“eu vou te protege, nun vô deixá ninguém faze mar nenhum pra ocê”	Parte do diálogo entre Juma e sua mãe
Tadeu	“A senhora já viu a forma de que ele óia”	Conversa de Tadeu, que está com ciúmes, com sua mãe, Filó, referente ao modo como seu padrinho, José Leôncio, olha para Jove.
Jove	“o que o cara precisa pra se envolver com você?”	
Guta	“por que que você quer saber, tá interessado?”	Trechos de um diálogo entre os dois personagens em um passeio, percebe-se um possível clima de romance entre eles.
Tenório	“o amigo me dá mais um gole dessa cachaça?”	Maneira como o personagem se dirige a José Leôncio com a intenção de o ludibriar e mudar o foco dos assuntos que estavam sendo falados.
José Leôncio	“o amigo começou por onde lá?”	Na sequência da cena anterior, José Leôncio continua seu diálogo com Tenório, porém utilizando o termo amigo para buscar uma maior proximidade com seu interlocutor. Com os diálogos, nota-se a palavra amigo com uma intenção por trás de seu uso, dependendo de quem fala.
Juma	“Ocê nunca riu assim antes, parece que ocê ta gostando daqui”	Fala da personagem com a Muda, durante um banho no rio.
Filó	“Guta, fia do seu Tenório, eu lembro muito bem docê da festa”	
Guta	“eu também lembro da senhora”	
Filó	“senhora é a mãe! Ocê podi me chama de filó mesmo”	Diálogo descontraído, contando com a presença de Jove em parte dessa interação.
Tenório	“eu só não acho certo você ficá sozinho no mato com esse Joventino”	
Guta	“Ué, o senhor não tinha dito que ele era ... como é que é flozô”	Diálogo entre os dois personagens, pai e filha, dentro do carro quando voltam para casa.
Tibério	“O seu Joventino tá gostando da moça?”	Frase dita pelo personagem, que é funcionário, para Jove, enquanto conversam na hora do almoço
Tibério	“o patrozin não qué memo tentá montá?”	Frase do personagem dita a Jove enquanto eles conversam.
Capítulo 21		

Juma	“é melhor ocêis não inventá de vortá”	Fala da personagem se dirigindo a Jove e Tadeu para expulsá-los quando chegam perto de sua casa.
José Leôncio	“tudo isso que cê tava vendo é fruto de mais 30 ano de serviço e muito suor, Tibério”	
Tibério	“o patrão nunca pensô em trazê um capincho de fora?”	
José Leôncio	“ara! capincho de fora pra que”	
Tibério	“é, o senhor fez bem ...”	Diálogo entre os personagens enquanto andam a cavalo observando o rebanho.
Maria Bruaca	“Você tá se adaptando bem a vida aqui, né, Guta? Parece até que ocê tá mais bonita”	Fala da personagem em um diálogo com sua filha, Guta.
Guta	“Cê tá ocupado?”	
Jove	“... foi bom cê tê vindo”	Diálogo mais íntimo entre os personagens, em um clima de romance.
Levi	“seu Zé Leôncio, o senhor tem visita na casa”	Fala do personagem para o seu patrão.
Guta	“oh, Jove, eu acho melhor não, se ela é tão brava quanto você disse!”	
Jove	“não, ela é tão brava comigo e com o Tadeu, você é mulher”	Diálogo entre os personagens antes de tentarem conversar com Juma.
Capítulo 22		
Tenório	“se o retorno que você tá tendo não paga a pena, o que o amigo ainda tá fazendo aqui?”	Frase de diálogo entre o personagem e José Leôncio, durante uma conversa informal na sala de casa do interlocutor.
Tibério	“toda vez que ela vem ai ocê tá lidando com gado”	
Tadeu	“essa é minha obrigação!”	
Tibério	“cê tá é se escondendo atrais de trabalho”	Diálogo entre os personagens sobre o amor de Tadeu por Guta.
Maria Bruaca	“cê fica sentado aí e cala sua boca!”	
Alcides	“a senhora é quem manda”	
Maria Bruaca	“e vê se você comi como feito genti”	
Alcides	“e tá é bão hein, o peixinho tá bom”	
Maria Bruaca	“e o ocê não me chama nunca mais de Bruaca!”	
Alcides	“não chamei não, dona Maria, chamei a senhora de Bruaca não”	Diálogo entre os dois personagens quando a patroa, Maria Bruaca, manda Alcides se sentar na mesa para almoçar junto com ela.
Tibério	“ele tem mais medo docê do que ocê dele”	Fala do personagem para Jove, enquanto ele prepara o cavalo para Jove montar.
José Leôncio	“você vai sustentá calado todú tipo di ofensa?”	
Jove	“o que o senhor tá falando?”	
José Leôncio	“cê sabe muito bem o que esse povo anda dizendo”	
Jove	“... se eu fosse, você ia me levar pra conhecer o escritório em São Paulo ... ou o senhor ia o quê, ia me deserdá?”	

José Leôncio	“... se ocê fosse isso ai que ocê tá dizendo...”	Diálogo entre os personagens durante uma discussão sobre o comportamento de Jove.
Filó	“você tem que te carma, ocê tem que tentá, ele é seu fio”	Frase dita a José Leôncio após ele discutir com Jove.
Capítulo 23		
Tadeu	“padrinho tá com medo do filho bate asa e não vortá”	
José Leôncio	“... aqui ocê pode me chamá de pai, não tem ninguém ouvindo”	
Tadeu	“é por isso que eu não chamo é nunca, o fio do senhor é só o outro, sempre foi”	Diálogo entre os personagens, que são pai e filho, mas se tratam como se fosse padrinho e afilhado, enquanto se preparam para viajar.
Tibério	“cê vai faze besteira, cê pode se perdê ai sô”	
Jove	“eu conheço o caminho”	
Tibério	“mas ocê tá desarmado!”	Diálogo entre os dois personagens enquanto Jove se prepara para andar de barco no rio.
Capítulo 24		
Juma	“o que que ocê feiz?”	Frase dita ao Velho do Rio quando ele lhe pede ajuda.
Velho do Rio	“ocê precisa bebe isso, Jove, você tem que bebe”	Frase dita a Jove, pedindo para ele beber um chá.
Juma	“você tem medo do veio, mas o veio é home bom”	Frase dita à personagem Muda sobre o Velho do Rio.
Velho do Rio	“Você não tava nos braço da morte, você tava nos meus braço”	Frase dita a Juma enquanto ela recordava um momento em que quase morreu devido a picada de uma cobra.

Fonte: Elaborada pelos autores

Analisando as falas selecionadas dos personagens da novela, é perceptível a grande variação linguística presente na trama. Há diversos aspectos variacionistas, mas principalmente nota-se a variação dos pronomes de tratamento, utilizando o “você”, “ocê”, “cê”, “o senhor” e “o patrão”. Tudo isso ocorre a depender de quem fala, com o seu nível de escolaridade e suas relações sociais, para quem se refere como vimos nos exemplos acima.

Para exemplificar ainda mais o fenômeno, gostaríamos de focar na personagem Juma, peça central de toda a história. A personagem é nascida nos campos pantaneiros, desta maneira refletindo e incorporando expressões típicas do Pantanal. Desenvolvida sem escolaridade e sem contato com outras pessoas, é caracterizada como um ser selvagem por quem a vê, justamente pelo seu comportamento e, no caso em questão, pelo seu modo de falar rudimentar. Em suas falas, como em destaque no quadro acima, é possível identificar variações no vocabulário, na pronúncia e na estrutura das frases, elementos esses que são fundamentais para a construção e a variação linguística da personagem, pois o uso

dessa linguagem contribui para a formação de sua identidade linguística, cultural e social.

Ainda, ao longo da história, foi possível notar a evolução social da personagem Juma que, mesmo com a sua variante linguística fora dos padrões gramaticais, conseguiu se encaixar na sociedade, que, na maioria das vezes, não segue à risca a gramática tradicional, porém as relações sociais entre os membros dela podem determinar isso, como veremos a seguir.

Agora, com o entendimento teórico da sociolinguística e o corpus definido, voltamos à questão central: as relações de poder através da linguagem. Como essa área e a mídia podem contribuir para essa relação?

Costumeiramente presenciamos, em determinados diálogos, como os exemplos do corpus, situações em que o falante se dirige a seu interlocutor usando uma variante linguística que não segue a normativa gramatical. Esse “ruído” pode ser entendido como erro, pelo senso comum. E esse “erro”, dependendo da circunstância, para quem está se dirigindo, pode acarretar uma série de consequências.

Por exemplo: se um falante sem escolaridade e distante de recursos sociais falar desta maneira em uma entrevista de emprego com o diretor de uma empresa, mesmo que sua comunicação não interfira em seu trabalho, muito provavelmente não conquistará a vaga. Portanto, este falante foi caracterizado como inferior e teve seu status rebaixado perante as instâncias sociais, demonstrando o poder presente.

Entre inúmeros casos que ocorrem devido ao julgamento com o modo de falar dos indivíduos, também se destacam as discriminações em situações do cotidiano. Isso acontece corriqueiramente, como é o exemplo de simples trocas de uma letra por outra, como o rotacismo, que troca o som de L pelo som de R nos encontros consonantais, exemplos: bicicleta por “bicicreta”, almoço por “armoço”, flor por “fror”, entre outros. Além disso, outro exemplo é o uso variado do pronome de tratamento “você”, que se realiza de várias maneiras, como visto no corpus de pesquisa.

Essa realidade preconceituosa, de certa forma, pode estar ligada à maneira como a escola trata o ensino da língua, e esse tratamento, conseqüentemente, estará condicionado às relações de poder que as envolvem. Levando isso em consideração, seria interessante mudar a forma como formamos os alunos nas escolas, em vez de seguir algo já estabelecido e padronizado, partindo para a prática de uso da língua, gerando reflexão perante a temática. Os Parâmetros Nacionais Curriculares de Língua Portuguesa abordam essa problemática:

“O problema do preconceito disseminado na sociedade em relação às falas dialetais deve ser enfrentado, na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo de educação para o respeito à diferença [...] a escola precisa livrar-se de alguns mitos: o de que existe uma única forma “certa” de falar – a que se parece com a escrita – e o de que a escrita é o espelho da fala [...]. Essas duas crenças produziram uma prática de mutilação cultural que, além de desvalorizar a forma de falar do aluno, tratando sua comunidade como se fosse formada por incapazes, denota desconhecimento de que a escrita de uma língua não corresponde inteiramente a nenhum de seus dialetos por mais prestígio que um deles tenha em um dado momento histórico. (BRASIL, 1998, p. 31)”

Além da escola, a mídia, mesmo não querendo, acaba influenciando diretamente esse processo, pois propaga estereótipos dialetais e de sotaques, que podem ser exagerados ou caricaturados para criar personagens “típicos” de uma região específica. Ainda, essas representações podem moldar a forma como diferentes dialetos e maneiras de falar são concebidas socialmente, e isso pode ser tanto maléfico quanto benéfico, a depender das circunstâncias de produção, já que a mídia, com todo seu poderio de audiência, pode ser um meio para se conhecer as diferentes variações linguísticas e culturas, permitindo que as pessoas se familiarizem com elas e, conseqüentemente, contribuindo para um entendimento mais significativo dessas variações. Além dessas trocas, também ocorrem desvios de ordens sintáticas, apagamento de parte da estrutura das palavras e outros.

Outra característica marcante da variação, a identidade linguística é peça fundamental para demarcar as peculiaridades de cada falante, influenciando como as pessoas se veem e como são notadas pelos demais, e isso é muito presente, também, na novela *Pantanal*. Os fatores que constituem essa identidade são a língua materna: o idioma recebido desde criança e que se tornou internalizado; a variação geográfica: a língua falada, os dialetos característicos desse lugar em específico; a cultura: os costumes e crenças que passam de geração em geração e que geram orgulho e pertencimento; e as experiências: interações com outras pessoas, graus de escolaridade e vivências ao longo da vida. Contudo, essas identidades linguísticas podem se tornar vulgarizadas e desprestigiadas a depender dos interesses da sociedade em que se encontram, possibilitando mais uma relação de poder que a mídia pode reforçar.

Segundo o linguista e professor Marcos Bagno, “É preciso ter sempre em mente que tudo aquilo que é considerado erro ou desvio pela gramática tradicional tem uma explicação lógica, científica, perfeitamente demonstrável.” Porém, todas

essas variantes não padrão ou língua materna de uso, tendem a ser consideradas erradas e, conseqüentemente, estigmatizadas, pelo fato desses falantes não “entenderem” o funcionamento “correto” da língua, tornando-os “ignorantes”, “asnos”.

Embora haja desvios, estas ocorrências estão internalizadas em uma estrutura linguística de perfeito funcionamento perante o falante, mesmo que ele não consiga perceber esse fenômeno. Entretanto, é demonstrado que nada na língua é por acaso, e tudo está passível de sistematização. Mas essa visão conservadora pode, de certa forma, mostrar as relações de poder que a envolve, gerando a reflexão do porquê ainda existe este desconhecimento ou esta mística, pelo senso comum da sociedade, sobre o uso da língua, mesmo com tantos avanços nessa área de estudo.

Como meio para condicionar as noções de erro, as classes dominantes que detêm o maior poder de influência e controle social, em se tratando do uso da língua, criam mitos linguísticos que reforçam e influenciam o entendimento e comportamento das pessoas.

O professor Marcos Bagno, no capítulo “A mitologia do preconceito linguístico”, propõe 8 mitos, sendo eles: “Mito nº 1: A língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente”; “Mito nº 2: Brasileiro não sabe português, só em Portugal se fala bem português”; “Mito nº 3 :Português é muito difícil”; “Mito nº 4: As pessoas sem instrução falam tudo errado”; “Mito nº 5: O lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão”; “Mito nº 6: O certo é falar assim porque se escreve assim”; “Mito nº 7: É preciso saber gramática para falar e escrever bem”; e “Mito nº 8: O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social”. Cada um desses mitos apresenta elementos peculiares, porém gostaríamos de focar em dois deles, que se relacionam diretamente com o propósito deste artigo, os mitos 4 e 8.

Mito 4: sendo mais comum em regiões mais afastadas dos grandes centros, com a população mais pobre e sem acesso a muitos recursos, temos pessoas sem instrução educacional que se caracterizam por utilizar variantes não padrão da língua, tendo como exemplo mais notório o rotacismo, como abordado nos parágrafos anteriores.

Bagno explica que este fenômeno é um grande mito, pois esta troca está relacionada à formação da língua portuguesa padrão, que se derivou, principalmente, do latim, onde muitas palavras, em sua origem, eram escritas com L, e no português passaram a usar o R, por exemplo, “clavu” se tornou cravo. Portanto, trocar as letras

é algo lógico na cabeça dos falantes na hora de formular as palavras. O que diferencia é a maneira como concebemos a variante padrão em detrimento das demais, como fomos ensinados na escola, por meio dessa variante de prestígio mais aceita no contexto social de poder.

“Se dizer Cráudia, praca, pranta é considerado “errado”, e, por outro lado, dizer frouxo, escravo, branco, praga é considerado “certo”, isso se deve simplesmente a uma questão que não é lingüística, mas social e política — as pessoas que dizem Cráudia, praca, pranta pertencem a uma classe social desprestigiada, marginalizada, que não tem acesso à educação formal e aos bens culturais da elite, e por isso a língua que elas falam sofre o mesmo preconceito que pesa sobre elas mesmas, ou seja, sua língua é considerada “feia”, “pobre”, “carente”, quando na verdade é apenas diferente da língua ensinada na escola. Assim, o problema não está naquilo que se fala, mas em quem fala o quê. Neste caso, o preconceito lingüístico é decorrência de um preconceito social.” (BAGNO, 1997, p. 40)

Mito 8: Embora possa haver a ideia de que somente o entendimento e uso da norma padrão sejam suficientes para o indivíduo conquistar sua ascensão social, esse mito reflete apenas mais uma condição para a elite social permanecer com seu domínio, justificando no falar da pessoa todas as outras injustiças sociais presentes, sendo, portanto, essa língua a provável desculpa para encobrir mais fatores por trás das desigualdades e, conseqüentemente, das relações de poder sociopolíticas.

“falar da língua é falar de política, e em nenhum momento esta reflexão política pode estar ausente de nossas posturas teóricas e de nossas atitudes práticas de cidadão, de professor e de cientista. Do contrário, estaremos apenas contribuindo para a manutenção do círculo vicioso do preconceito lingüístico e do irmão gêmeo dele, o círculo vicioso da injustiça social”. (BAGNO, 1997, p. 66-67)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, temos várias ocorrências de variações linguísticas em nossa sociedade, como alguns exemplos citados anteriormente. Portanto, todos estão enquadrados dentro de uma dessas variantes, o que nos leva à reflexão sobre a ordem valorativa dessas variações e como as relações de poder e a mídia influenciam no preconceito lingüístico, em que é notável a busca pela regulação do que é correto ou errado na fala. Isso ocorre para atender aos padrões exigidos por uma elite social que visa sempre prevalecer o seu ponto de vista lingüístico, cultural e econômico em detrimento do outro, para não perder o poder a si atribuído devido, no caso em questão, ao seu modo de falar.

Desta forma, não é permitido que as pessoas com variantes de menor prestígio, que não seguem a gramática tradicional, a norma culta, ascendam socialmente nos mais diferentes aspectos, mesmo que sejam capazes de realizar suas funções e atribuições de forma igual, ou até melhor, do que os falantes cultos, devido à institucionalização desse mito linguístico e à internalização social que concebemos da língua. Por conta disso, é reforçada a forma como se utiliza essa ferramenta de comunicação para perpetuar as relações de poder entre as pessoas.

Portanto, com as análises concluídas, relacionamos que os estudos de variação e preconceito linguístico e suas relações de poder podem contribuir para gerar familiaridade com o telespectador, e, conseqüentemente, percebemos a telenovela como forma de constituição identitária do público, mostrando, assim, a grande influência da mídia em todo esse processo.

REFERÊNCIAS

- ALKMIN, T. M. **Sociolingüística**. In: MUSSALIM, F.; BENTES, C. (Org.) **Introdução à linguística: domínios e fronteiras** [v. 1] São Paulo: Cortez, 2008.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 49. ed. São Paulo: Loyola, 2007.
- BARBERO, Jesus Martin. **Dos meios às mediações**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J. **A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1970.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental: Brasília, 1997.
- COELHO, Izete Lehmkuhl. Et. al. **Sociolingüística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.
- COLASANTI, Marina. **Fragatas para terras distantes**. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- CHOMSKY, Noam. **Linguagem e responsabilidade**. São Paulo: JSN Editora, 2007.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 25. ed. São Paulo: Graal, 2012.
- JUNQUEIRA, Lilia. Reflexões sobre a ficção televisiva brasileira e as representações sociais do personalismo. **Intercom**, 2003. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/118896481263995427960776796320056612358.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2023.
- LABOV, William. **Padrões Sociolingüísticos**. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LUCCHESI, Dante. **Sistema, Mudança e Linguagem: um percurso da Lingüística neste século**. Lisboa: Colibri, 1998.
- MENDES, Rosana Maria. A análise de conteúdo como uma metodologia. **Artigos Scielo**, 2013. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/cp/a/ttbmyGkhjNF3Rn8XNQ5X3mC/>. Acesso em: 01 maio 2023.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo 1: neurose**. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

ORMEZZANO, Graciela; et al. **Cultura e estereótipos veiculados pela televisão**. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 8. Passo Fundo, 2005.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

VIANA, Núbia De Andrade; SAID, Gustavo Fortes. Identidade e estereótipos: as telenovelas como narrativas identitárias. **VI simpósio nacional de história cultural**, 2012. Disponível em: <http://gthistoriacultural.com.br/VIsimposio/anais/Nubia%20de%20Andrade%20Viana%20&%20Gustavo%20Fortes%20Said.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2023.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

PANTANAL (novela). In. WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikipédia Foundation, 2022. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Pantanal_\(2022\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pantanal_(2022)). Acesso em: 20 abr. 2023.